

MARTINS, ANA MARQUES.

O LIVRO DAS SEMELHANÇAS.

São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Andréa Sirihal Werkema
(UERJ)

Ler ao sobrevoou um livro de poesia: tarefa que, sei de antemão, soará canhestra, e só se justifica pela esperança de trazer o possível leitor, meu semelhante, meu irmão, ao caminho do texto. Caminho que se bifurca em semelhança e diferença; assim peço licença à poeta para começar.¹

Ao abrir o delicado livro azul, que se apresenta como um *Livro das semelhanças*, somos tomados pela mais íntima das sensações literárias, a sensação de reconhecimento; há que se ter cuidado, porém, pois essa pode ser enganosa. Digo e já duvido: serão aqui as semelhanças alcançadas pela via difícil, da ausência, da lacuna, da suave oposição? Trata-se, sim, de um livro aparentemente delicado, sedoso, à maneira dos gatos, animais de grandes olhos silenciosos. Animais de garras afiadas, predadores noturnos. Das semelhanças.

Volto ao início: ao começar a leitura do livro azul, somos surpreendidos pelo reconhecimento de um livro dentro do livro. A poesia sobre a poesia, que já é marca forte e reconhecível da escrita de Ana Martins Marques, comparece mais uma vez nos indicando o caminho em suas “Ideias para um livro”; mas agora, veja-se uma mudança de grau, não é apenas poesia sobre poesia, é poesia sobre um livro de poesia. Uma das partes do livro chama-se: “Livro”. A materialidade aí desenhada com letras me faz sorrir – vejo os traços do caderno antigo de poemas de um velho menino poeta. Mas aqui a poesia não finge infância nem busca uma linguagem primeira: aceita o mundo estabelecido pelos poetas todos, aceita fazer parte do grande-mundo-da-palavra-poética. Não nega a rivalidade entre escrever e desenhar: “Houve um tempo em que se usava/ nos livros/ papel de seda para separar/ as palavras e as imagens”. É possível ainda o livro de poesia com imagens, Oswald? E a “Tradução”? A língua esquisita que já é a poesia torna-se duplamente outra

ao passar a habitar uma nova língua: semelhante, mas nunca igual. Diferente, mas não completamente. Como bem mostrou o poema “Epígrafe”, este é um “Livro” de quem vive entre livros, de quem lê e escreve e imagina livros – mas esse mundo livresco não se fecha nunca ao mundo lá fora, que espreita com seus congestionamentos, suas xícaras sujas, uma ideia de verão. O mundo lá fora é finalmente reduzido a matéria de poesia, a matéria de livro – e o mundo dos livros tem seu rápido momento de fulgor, quando é mais real do que tudo: protegido pelos biombos que o separam lá de fora, dentro do livro cabe o verão, cabe o desencontro e a possibilidade do encontro. Mas sua matéria é antes de tudo a própria poesia, e essa vem de outros livros; e o aprendizado da poesia tinge tudo, inunda nossa vida inteira, nos circunda de dourado. Mesmo sem querer, o poema se apropria da ideia alheia – mesmo querendo, o poema busca a gatografia alheia, só para se dar ao luxo de não citar todos aqueles poetas que a outra poeta citou. Os gatos andam nesse livro, que é, finalmente, a parte que lhes cabe – animal literário. Ao fim da parte “Livro”, estaremos nós preparados para continuar a seguir o mapa da poesia de Ana Martins Marques? Pode ser que tenhamos sido enganados pela aparência de poesia prosaica e anti-hermética, pode ser que não tenhamos lido esse palimpsesto com atenção; mas não nos resta outro caminho senão seguir viagem.

E adentramos as “Cartografias”, que apresentam em seu nome a vontade de escrever, de grafar mapas, rotas, caminhos, cidades, fronteiras; a necessidade de marcar os pontos nos mapas, sendo que um dos pontos sou eu, o outro é você, sempre. Não são viagens em si, mas são viagens que gostariam de ser, são ensaios. Porque a viagem em si, o deslocar o corpo no espaço, é um perder-se, é uma possibilidade de não encontrar você. A grafia dos mapas é a grafia de um desejo, é um risco de duplo sentido, pois preenche “por descuido/ um qualquer lugar até então/ deserto”, mas “sempre acabo tomando o caminho errado”, “na esquina das nossas ruas/ que não se cruzam”. Note-se que não nos afastamos da poesia que tematiza a escrita, de forma alguma: uma outra escrita, pode ser, mapas amorosos, mas esse mapa se estende sobre a mesa de trabalho – “desde então minha mesa de trabalho/ termina subitamente num abismo”.

As “Visitas ao lugar-comum”, numeradas de 1 a 14, são engenhosas e lembram os jogos verbais de nossos poetas sempre-barrocos – não fosse a diferença de que, na poesia de Ana, o hermetismo retórico dá lugar a uma experimentação de limites entre a linguagem cotidiana e a linguagem a que chamamos poética. Em seu livro, e em toda a sua obra, essas duas linguagens,

semelhantes a olho nu, entrelaçam-se e precisam de visão acurada para que se lhes perceba a diferença. É nesse momento d’*O livro das semelhanças* que me parece que esse atrito entre linguagens fronteiriças esteja mais agudamente evidente: o lugar-comum, por sua própria natureza repetido sem questionamentos, se distende e se estilhaça em poesia, expõe em suas vísceras a metáfora original de que nasceu e que, eis a questão, traz em si a marca do poético: “Dobrar a língua/ e ao desdobrá-la/ deixar cair/ uma a uma/ palavras/ não ditas”. O senso de humor surge acompanhado de certa melancolia, pois o degelo das palavras não lhes retira por completo um gosto frio: “Amar/ profundamente/ mas testar/ volta e meia/ se ainda/ dá pé”.

“O livro das semelhanças” enfim. Última e maior parte do livro, funciona como metonímia de um livro de poemas ou como o verdadeiro livro dentro do livro. Penso se deveria começar a ler o livro por aqui, ou se há uma certa lógica na ordem das partes – as ideias para um livro, a descrição material de um livro, a escrita dos/nos mapas, a desconstrução de lugares-comuns e, finalmente, o livro cujo nome está escrito na capa. Apesar de não perceber um tema que alinhava os poemas desta parte como acontecia com as anteriores, o que se explica inclusive por me parecer ser esta parte metonímia de um livro maior de poemas, vejo, porém, traços que ligam os poemas desta parte à poética de Ana Martins Marques. Diria mesmo que posso ler, logo nos primeiros poemas da seção, traços bem definidos que opõem semelhanças a ausências, a lacunas, a algo que não se completa nunca. A impossibilidade de possuir, o ter pelas negativas: “é dos solitários o amor”; a cisão intransponível entre palavra e coisa, aqui finalmente escancarada: “viajantes de mapas, turistas de nomes de cidades”, “É mais difícil esconder um cavalo do que a palavra cavalo”. Enfim os poemas de amor são poemas sobre o amor: não que antes não fossem. Muitos dos poemas de Ana, quando falam do poema falam de amor, quando falam de amor falam do poema. Aqui, em “O livro das semelhanças”, há uma pequena mudança de ângulo apenas, e os poemas de amor se fazem poemas sobre a (im)possibilidade de falar/escrever sobre o amor. Estão aqui também alguns dos belos poemas estranhos que não falam sobre algo ao certo: desdobram-se apenas enquanto poesia, com suas temáticas de palavras, que se fazem apenas no ato da escrita; é aqui ainda o lugar do *fait-divers* da poesia (o mar, Minas, seres míticos, o museu, a coleção), e por isso é difícil falar desses poemas em geral: necessário é que se leia um a um, em suas singularidades, em suas similaridades. Há, é claro, um poema chamado “O livro das semelhanças”, e esse livro não se fecha: é um livro de crianças, é um mapa-múndi, em que

tudo se parece com tudo (penso de novo em certa alquimia barroca), mas nada é igual a nada. A fechar o livro, fundamento, o lugar-comum do amor: clichês, seus nomes na tradição, poesia *ready-made*; e, à guisa de remate, o

Poema de trás para frente

A memória lê o dia
de trás para frente

acendo um poema em outro poema
como quem acende um cigarro no outro

que vestígio deixamos
do que não fizemos?
como os buracos funcionam?

somos cada vez mais jovens
nas fotografias

de trás para frente
a memória lê o dia

Exercício de memória ou sugestão de releitura? O espelho, a fotografia, a memória reproduzem imagens, param o tempo. O poema nos diz dessa falácia: o livro se leu, o tempo passou, as fotografias se distanciam, a memória não é capaz. Buracos e vestígios são necessários. Melhor ainda, poemas são necessários, são uma das formas mais potentes de registro do tempo: inscrição, corte, continuidade. A poesia de Ana Martins Marques, mais que humana em sua firme delicadeza, é um espelho para nossa temporalidade, para nossa incapacidade de esquecer no futuro as semelhanças com o passado (“salvo engano o futuro não se imprime/ como o passado nas pedras nos móveis no rosto/ das pessoas que conhecemos”).

NOTA

¹ Este texto foi primeiro lido junto à poeta Ana Martins Marques no dia 29/10/2015, no Instituto de Letras da UERJ, dentro do projeto “Literatura Brasileira Hoje”, coordenado pelo professor João Cezar de Castro Rocha. Tive na ocasião o prazer de receber a poeta e apresentar *O livro das semelhanças* para alunos, colegas e comunidade, antes da fala da própria autora.